

Vik Muniz: à Sombra de uma Denúncia *Vik Muniz: the Shadow of a Denunciation.*

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v11i2.2656>

*Verônica Cristina de Almeida e Silva de Barros Figueiredo*¹

Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica - PUC/MG.

Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte(Unibh).

E-mail para contato: veronicaalmeida@bol.com.br



Recebido em: 30/10/2018 – Aceito em 15/11/2018

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir questões relativas ao direito, à cidadania, à desigualdade social e à educação presentes na obra de Vik Muniz. Assim, através de um contraponto que será estabelecido entre textos não-verbais e verbais busca-se refletir sobre a importância do significado crítico das representações artísticas e contemporâneas de Muniz com o sentido pedagógico do ensinar

Palavras-chave: Vik Muniz; Pedagogia e arte; Educação em textos não verbais.

Abstract: This paper aims to discuss issues related to law, citizenship, social inequality and education present in the work of Vik Muniz. Thus, through a counterpoint that will be established between non-verbal and verbal texts, it is sought to reflect on the importance of the critical meaning of the artistic and contemporary representations of Muniz with the pedagogical meaning of teaching

Keywords: Vik Muniz; Pedagogy and art; Education in nonverbal texts.

Ser cidadão significa respeitar e participar das decisões da sociedade para melhorar sua vida e a de outros. Ser cidadão é nunca se esquecer das pessoas que mais necessitam. O grito em favor da cidadania deve ser divulgado através de instituições de ensino, meios de comunicação, manifestações artísticas, culturais e outros para o bem estar e o desenvolvimento da nação.

Este trabalho tem como objetivo discutir questões relativas ao direito, à cidadania, à desigualdade social e à educação através de um contraponto que será estabelecido entre textos não-verbais e verbais. Os primeiros textos dizem respeito à arte de um brasileiro. Os outros se referem ao conteúdo estudado na disciplina Educação, Direito e Cidadania, ministrada pelo Prof. Carlos Roberto Jamil Cury, no Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Os textos não-verbais, como as fotografias, por exemplo, tornam-se uma importante via para comunicar, dentre outras coisas, a insatisfação com os acontecimentos que comprometem o futuro da humanidade. Vik Muniz (Figura 1), artista e cidadão brasileiro, encontrou uma maneira criativa e desafiante de chamar a atenção do público que visita suas exposições para os acontecimentos que incomodam grande parte da população mundial.

¹Professora dos cursos de Pedagogia e Gestão de Segurança Privada do Uni-BH.

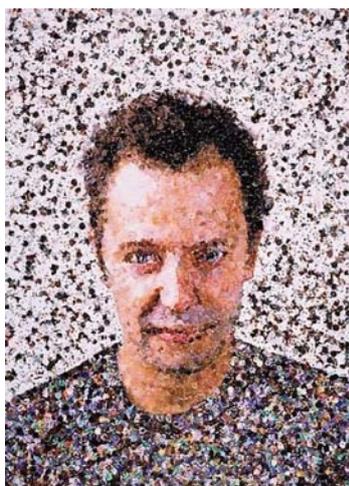


Figura 1 – “Auto-retrato de frente” feito com papéis picados

Fonte: <http://www.illusionworks.com/mod/i/muniz.jpg>

Vicente José Muniz nasceu na cidade de São Paulo (1961), em uma família de classe média. Publicitário de formação atua como fotógrafo, desenhista, pintor e gravador. Em 1983, transferiu-se para Chicago e, posteriormente, para Big Apple, onde se radicou. Atualmente divide residência entre Rio de Janeiro, São Paulo e Nova York.

Sua obra mostra que um sentimento pode ser representado de uma maneira muito complexa e ter uma compreensão muito simples. Prova que uma imagem pode provocar muitas reações, todas genuínas. Evidencia que nossos olhos estão acostumados a olhar para as coisas, e não a ver as coisas. Assim, um exercício de observação pode se tornar uma grande e séria brincadeira.

Muniz realiza, desde 1988, séries de trabalhos nas quais investiga, principalmente, temas relativos à memória, justiça social, direitos e criticidade, fazendo uso de técnicas diversas. Emprega nas obras materiais inusitados, tais como açúcar, arame, terra, barbante, chocolate, especiarias, lixo, gel, mel, poeira e outros.

De uma maneira radicalmente criativa, essas são suas matérias primas e não meros adereços. Muniz sempre relaciona o material utilizado em cada série ao sentido da imagem, da mensagem ou da denúncia que pretende fazer através de seus trabalhos.

Celebrizou-se por suas exageradas e polêmicas performances visuais. Inaugurou uma abordagem diferente das questões sociais envolvidas na circulação e retenção de imagens. Por esse motivo, é um artista diferente daqueles que se costuma ver. Sua arte é baseada em elementos do cotidiano e desafia o visitante a ler o mundo² das imagens e relacioná-lo às realidades percebidas e idealizadas.

Objetividade e Distanciamento

Seu trabalho caracteriza-se por mexer com a necessidade do cidadão atento e crítico, de conhecer a realidade, através da vontade, dos sentidos e da inteligência. Vik utiliza imagens ilusórias que se apresentam como um enigma a ser decifrado. Imagens que de perto parecem uma coisa e de longe são outra (Figura 2).

²Freire (2001, p.261) entende como “leitura do mundo” a ‘leitura’ que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. [...] a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta.

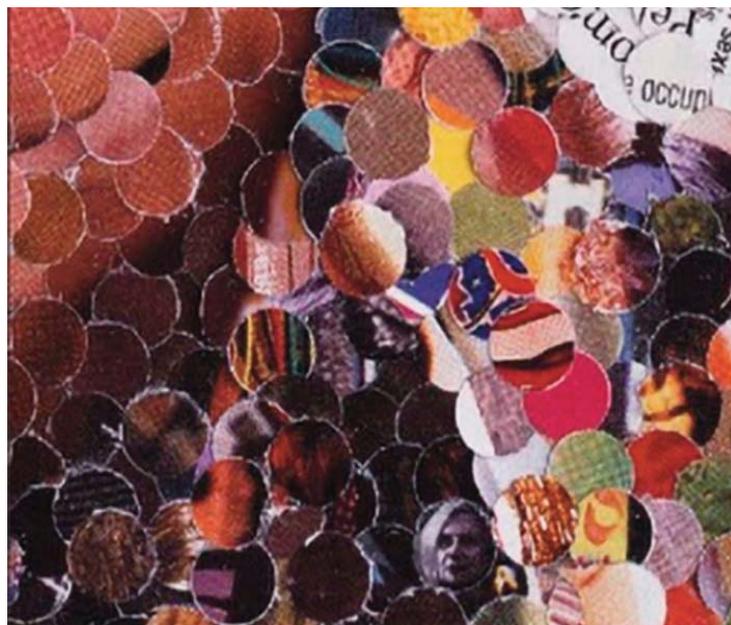


Figura 2 – Detalhe da imagem de Joáozinho Trinta vista de perto, feita com bolinhas de papel de revista

Fonte: <http://www.bp3.blogger.com/>

Segundo Muniz, “é preciso se afastar das coisas para poder descobrir o seu real significado”. Nesse sentido, torna-se possível estabelecer uma analogia entre essa concepção apresentada pelo artista e o necessário recuo que as ciências, inclusive as humanas, precisam fazer em suas investigações em busca da objetividade (Figura 3).

Desse modo, a observação, a indagação e o esforço do visitante, em suas exposições, na tentativa de compreender as obras, transformam-no em um “pesquisador” em potencial. E também, em alguém que busca o entendimento da realidade apresentada pela fotografia-objeto.

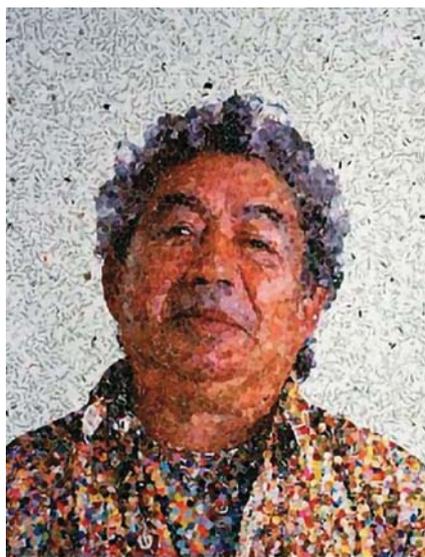


Figura 3 – Figura de Joáozinho Trinta vista de longe, feita com bolinhas de papel de revista

Fonte: <http://www.bp2.blogger.com/>

Suas obras, um híbrido de fotografia e desenho, retratam a complicada relação entre o objeto e sua

imagem, bem como entre a realidade e a percepção da mesma. Sabe-se que, por diversos fatores, as realidades dos contextos sociais, culturais e econômicos não são percebidas, do mesmo modo, pelos diversos sujeitos, mesmo havendo um recuo-se, de sua parte, para observá-las.

O processo criativo de Vik consiste em compor as imagens com os materiais, sobre uma superfície e fotografá-las. Nas séries produzidas, as fotografias, feitas em edições limitadas, são seu produto final.

Trabalha sempre com a idéia, ou seja, uma típica arte conceitual, onde esta é mais importante para o artista do que propriamente a obra. Esta última não é executada diretamente por ele, mas por uma série de profissionais, que nem sempre são artistas, mas que executam seu trabalho. A obra, neste caso, não é de quem a realizou, mas de quem a pensou e projetou.

Seguindo o raciocínio apresentado pelo artista e, sem a intenção de tirar a responsabilidade que cabe a cada cidadão, este modo particular de enxergar os fatos nos faz refletir sobre a verdadeira autoria das barbáries ocorridas quotidianamente. Atribuem-se os referidos acontecimentos aos cidadãos que os realizaram ou a uma sociedade injusta e desigual que cria padrões de exclusão? Isto é, estes atos pertencem a quem os “realiza” ou a quem os “provoca”?

Devido à desigualdade social existente no Brasil, crianças e jovens têm crescido sem preparação para a vida. Muitos não conseguem oportunidades e acabam se tornando marginais ou desocupados, às vezes não porque querem, mas sim por não sobraem alternativas. Marshall (1967, p.73) afirma que “a educação das crianças está diretamente relacionada com a cidadania, e, quando o Estado garante que todas as crianças serão educadas, este tem em mente, sem sombra de dúvida, as exigências e a natureza da cidadania. Está tentando estimular o desenvolvimento de cidadãos em formação”. Pode-se deduzir, por pela afirmação, que esse tipo de Estado manifesta o interesse de propiciar as mesmas oportunidades para todos os cidadãos e, conseqüentemente, evidencia-se seu “desinteresse” em “provocar” padrões de exclusão.

Analisando a educação brasileira, Severino (2000, p.71) afirma que “o quadro da realidade social e educacional do Brasil mostra bem o quanto a existência histórica dos brasileiros está longe de atingir um patamar mínimo de qualidade. Mostra também o quanto é ainda grave o *déficit* educacional em termos quantitativos e qualitativos [...]”. Assim instaura-se a dúvida sobre o interesse do Estado brasileiro em garantir educação de qualidade para todos os seus cidadãos em formação.

Outro fator que agrava a situação de crianças e jovens no Brasil é a violência, crescente a cada dia. Tratar-se-á dela mais adiante. O quadro de não-educação e violência evidencia a ausência de uma cultura política democrática bem como a precariedade dos direitos relativos à cidadania.

Marshall (1967, p.62) pondera que “a desigualdade do sistema de classes sociais pode ser aceitável desde que a igualdade de cidadania seja reconhecida”, fato que não ocorre no contexto brasileiro. Presencia-se aqui um lento processo de formação da cidadania e uma dificuldade no reconhecimento da igualdade de todos perante a lei.

“Narciso”: um Reflexo da Sociedade

O Mito de Narciso (Figura 4), expressando frieza, orgulho e insensibilidade, presta-se à denúncia do egoísmo que caracteriza a sociedade atual. A cultura contemporânea narcísica reproduz conceitos e práticas que não sustentam a alteridade. Por esse motivo, constantemente, devolve o sujeito para o miolo de si mesmo quando este procura referências fora de si, na experiência coletiva. Tal situação ocorre apesar do apelo social e midiático por outro tipo de sujeito.

O individualismo exacerbado surge a partir de mecanismos modernos, que apresentam aos sujei-

tos uma autonomia, aparentemente. Pode-se acreditar que esta aparente autonomia surgiu a partir da emancipação do poder político, da autoridade religiosa e da economia de mercado, esta autonomia é imaginada.



Figura 4 – “Narciso, depois de Caravaggio” (2005), feito de lixo

Fonte: <http://www.oesquema.com.br/>

A exemplo deste mito percebe-se que o modo subjetivo do homem contemporâneo mudou em relação ao homem moderno. As identidades no mundo atual se sustentam mais pela imagem, sensação e corporeidade que pela reflexão, sentimento e pensamento.

Essa constatação assegura que atualmente os cidadãos mais “consomem” ideologias que “cultivam” os ideais que traduzem o bem estar da coletividade. Acreditando no poder das imagens, a arte de Vik pode ser muito útil para despertar os cidadãos adormecidos e provocar uma sensação de desconforto naqueles que se apresentam críticos e sensíveis, levando-os à indignação acerca da supressão dos direitos de alguns.

Segundo Souza (2005, p.66) a “igualdade universal, conceito do século XVIII, deixou o homem no limite da ética. A igualdade justificava a liberdade, mas esta se manifestava de forma imperfeita. O homem enfrenta em harmonia a dualidade de firmar-se como igual entre os outros e ter simultaneamente sua singularidade. O homem busca a personalidade auto-suficiente, mas também se concentra na diferenciação, na desigualdade com o intuito do crescimento mútuo entre os pares, por meio da troca”. Percebe-se o início do desencadeamento de um processo, que substitui a igualdade pela desigualdade.

Com esta substituição, a ausência de alguns valores gera processos não-civilizatórios. Fato que tem acarretado uma crescente dissolução de padrões morais, cognitivos e estéticos, implicando precisamente a radicalização da modernidade e do próprio individualismo. Em busca da superação dessa realidade, torna-se necessário que os indivíduos façam uso, cada vez mais crescente, de suas faculdades reflexivas (Cf. Domingues, 2002). Insiste-se aqui, mais uma vez, nas idéias de Freire que enfatizam a importância do cidadão fazer a leitura do mundo para que busque a compreensão do objeto observado, deso-cultando suas relações com outros objetos.

O papel das artes, enquanto texto não-verbal, na construção realidades é de fundamental importância. Presencia-se, no trabalho de Muniz, o apelo à reflexão, à intuição, à criatividade e à afetividade. Esse apelo emerge como meio necessário ao desenvolvimento da sensibilidade no presente e no futuro. Ela servirá não apenas como instrumento de progresso mas também de humanização, à medida em que

reclama, de forma inalienável, o resgate da dimensão ética do sujeito.

Para Vik, ver é acreditar. Seu objetivo primeiro é “extrair o máximo do espectador e deixá-lo criar o verdadeiro sentido de cada obra”. Afirma ele, “saber se a vida tem algum sentido é difícil de interpretar, e quanto mais concentramos nela, nossa capacidade crítica mais parece escapar-nos, ou evaporar-se como questão inteligível”.

Sísifo: em Busca do Sentido

Do mesmo modo que se reflete sobre o “verdadeiro sentido das obras” torna-se necessário fazer o mesmo, com relação ao “sentido da vida”. Para Bobbio (2004, p.48) “o homem é um animal teleológico, que atua geralmente em função de finalidades projetadas no futuro. Somente quando se leva em conta a finalidade de uma ação é que se pode compreender o seu ‘sentido’”.

O homem contemporâneo guiado pelas imagens, que abandona a reflexão corre o risco de desencadear ações sem sentido. Seus dois traços fundamentais estão em estreita relação: o homem como animal que fala e discorre (*zôom logikón*) e o homem como animal político (*zôom politikón*) (Cf. Vaz, 2001).

Ele é um animal político por ser exatamente um animal de linguagem, sendo a vida ética e a vida política artes de viver segundo a razão. Essas duas características fundamentais do homem se manifestam em atividades dotadas de finalidades específicas, a atividade da contemplação (*theoria*) e a atividade do agir moral e político (*praxis*) (Cf. Vaz, 2001).

Segundo a mitologia grega, Sísifo (Figura 5), era considerado o personagem mais astuto de todos os mortais. Por ter enganado os Deuses, fora castigado, por toda a eternidade, a rolar uma grande pedra de mármore até o cume de uma montanha, sendo que ao alcançar o topo, a pedra novamente retornava ao ponto de partida, transformando todo seu trabalho em algo inútil e sem esperança.



Figura 5 – “Sísifo”, depois de Titian (2005), feito de lixo

Fonte: <http://www.youpode.com.br/>

Esse mito nos remete à finalidade das ações do homem. Questiona as lutas solitárias travadas em prol da igualdade de direitos e do respeito às singularidades do cidadão. Nesta solidão, percebe-se que muitas vezes fica a sensação de poder (conseguir empurrar a pedra até o topo da montanha) e concomitantemente, o sentimento de fracasso (ela retornar ao ponto de partida). Presencia-se que no Brasil, o

“rochedo dos direitos” é, muitas vezes, levado ao cume da montanha, para logo a seguir cair novamente.

A cidadania tem sido uma conquista muito lenta para os brasileiros. Para que ela seja estendida a todos, Bobbio (2004, p. 48) afirma que é necessário que haja “a transposição dessa interpretação finalista da ação de cada indivíduo para a humanidade em seu conjunto, como se a humanidade fosse um indivíduo ampliado, ao qual atribuímos as características do indivíduo reduzido”.

Nesse sentido, mesmo existindo um esforço da coletividade, muitas vezes o seu propósito não é plenamente atingido. Para Carvalho (1998, p.34) “apesar da plenitude dos direitos políticos, permanecem a incerteza e a insegurança quanto ao nosso futuro democrático, sem falar no futuro nacional. Permanece a sensação de que as instituições democráticas [...], ainda não funcionam de maneira satisfatória; de que a democracia é um sonho irrealizado, planta frágil; de que os problemas básicos da população continuam sem solução”.

Muniz afirma que “nada é acidental, não existe diferença entre o representacional e o abstrato. A gente está cansado de ver uma coisa como a outra e vice versa. É só uma maneira de olhar e de ver a coisa. Aí, o espectador é quem define o que é uma e outra”. Se a premissa, enunciada pelo artista, de que nada é acidental, for verdadeira, quem terá condenado o cidadão a rolar tantas vezes este rochedo? Por que ele o faz solitariamente? Qual lição o cidadão pode-se tirar desse mito?

Reforçando a idéia de Muniz de que “nada é acidental” Severino (2000, p.70) chama a atenção dos cidadãos. Ele afirma que “cabe ainda à educação, no plano da intencionalidade da consciência, desvendar os mascaramentos ideológicos de sua própria atividade, evitando assim que se instaure como mera força de reprodução social e se torne força de transformação da sociedade, contribuindo para extirpar do tecido desta todos os focos da alienação”.

Torna-se necessário desvendar os mascaramentos ideológicos porque de acordo com o pensamento semiológico é possível ver uma coisa em outra. Desse modo, os homens podem se enganar ao fazer a leitura de mundo, caso não retirem o envoltório do objeto observado.

A semiologia é ciência geral que tem como objeto todos os sistemas de signos. Ao pensarmos na linguagem verbal, tendo a língua como código, os signos linguísticos são, então, os responsáveis pela representação das idéias, sendo esses signos as próprias palavras que, por meio da fala ou da escrita, associamos a determinadas idéias.

Do mesmo modo que os signos linguísticos apresentam dois componentes: uma parte material (o som ou as letras) - o significante; outra parte abstrata (a idéia) - o significado, Vik desenvolveu obras nas quais é possível fazer duas (ou mais) leituras. Declara que sempre “quis criar imagens que permitissem ao observador fazer leituras múltiplas e que ele se tornasse consciente de sua participação [no mundo]”.

Para o artista, a relação entre a tríade imagem, idéia e realidade se transformou em uma grande confusão. Por este motivo, é possível encontrar várias interpretações para as situações ocorridas no mundo social no qual vivemos. Na diferenciação entre a compreensão através da imagem e a compreensão sobre a imagem estão implícitas posições sobre nossas interpretações e ações cotidianas, que se estendem às teorias da ação, do conhecimento, da percepção e dos signos.

O fato de compreendermos o cotidiano através de imagens significa que nosso mundo e nossa realidade social não são apenas representados de forma imagética, mas também constituídos ou produzidos dessa forma.

Assim, a figura de Sísifo ao representar uma árdua luta para rolar a pedra, pode ilustrar um desafio individual ou planetário, como a luta contra o excesso de lixo produzido pelo homem, por exemplo, ou o sofrimento das pessoas que dele sobrevivem, e infinitas ou-

³Disponível no site: <http://vod-pod.com/watch/1638000-vik-muniz-fala-sobre-sua-carreira>

tras lutas. Nesse sentido, o mesmo significante (a obra), comporta vários significados (as interpretações). Vik afirma que cria apenas 50% da obra, todo o restante dependerá da interpretação de seus espectadores.

Em recente entrevista a um site³ brasileiro, Vik afirma que se relaciona com mundo através da fotografia e de sua arte. Ele se considera um professor e diz ter compromisso com a posteridade e com a educação, pois tem filhos e acredita que seu trabalho tem a responsabilidade de educar e preparar as pessoas para uma relação com a imagem que envolve um pouco mais de discernimento.

Saturno: a Opressão do Cidadão

Nessa ocasião, ele afirmou que “o sujeito não é um consumidor de imagem como vítima é também um produtor de imagem. Assim ele não deve ser enxergado como uma vítima, mas como alguém que faz a sua escolha ao interpretar o que vê”. Percebe-se por essa afirmação que, como professor, Vik objetiva ensinar aos sujeitos a utilizar a reflexão para ler o mundo e a se responsabilizar por suas escolhas.

Freire (2005, p.34) também defende essa relação dialética ao afirmar que os oprimidos hospedam em si o opressor, num processo de introjeção da imagem do mesmo, que se traduz em sentimentos opostos: de rejeição, aversão e ódio, mas ao mesmo tempo, de admiração, adesão e identificação, tornar-se como ele, transformando-se, inclusive, em opressores de outros (Cf. FREIRE, 2005).

Este mesmo autor enfatiza que “a práxis, porém, é reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (2005, p.42). Revela-se assim a importância da reflexão e da ação dos sujeitos sociais na modificação da realidade que outrora se apresenta.

Nesse sentido, a releitura do quadro de Goya, sobre o Mito de Saturno (Figura 6), que devorou cinco de seus seis filhos, por antever que mais tarde um deles iria conseguir tomar o seu lugar, pode representar também a complexa relação que se estabelece entre opressor (Estado) e oprimido (cidadão).



Figura 6 – “A Peste”, baseada na obra: Saturno devorando a um filho, de Francisco Goya, feito de lixo

Fonte: <http://www.luzmaissombra.files.wordpress.com/2009/04/vik..>

Tendo em vista a desproporção entre suas forças, poderes e ideologias, essa interpretação faz emergir a reflexão sobre como a cidadania e as forças exógenas que têm alterado o padrão de desigualdade social, interferem na vida do cidadão. Nesse contexto desigual alguns (opressores) se sentem autorizados a prescrever condutas e procedimentos a outrem (oprimidos). Fato que caracteriza a heteronomia em uma sociedade desigual e injusta.

Nuvens: Retratos de Impermanência

Outra característica interessante de Muniz é que ao concluir uma escultura, ele fotografa e em seguida a destrói, para assim poder reutilizar o material em uma outra peça. Muniz evidencia nessa prática acreditar na impermanência das coisas, na efemeridade e transitoriedade do mundo.

Muniz, produz obras que duram segundos, como por exemplo, uma nuvem (Figura 7) feita à partir da fumaça de um avião. Estes sinais de desaparego justificam a documentação fotográfica de suas obras.

A impermanência, é um dos princípios do ensinamento budista e pilar de toda a sua filosofia, apresenta-se como uma das lições mais caras e difíceis de se aprender. Quase todo o sofrimento humano decorre do apego que mantemos pelas pessoas, objetos ou fatos que marcam a nossa vida. Das obras produzidas por Vik, a fotografia é a única recordação que guarda, por seu desaparego e por serem realizadas com materiais perecíveis, reutilizáveis ou efêmeros.



Figura 7 – “Nuvens” fotografia do céu da cidade de Nova York com uma única nuvem, produzida pela fumaça de uma pequena aeronave
Fonte: <http://www.temavercomigo.files.wordpress.com/2009/06/emp>

O homem sabe que, tudo tem um fim, mas vive como se tudo fosse durar pela eternidade. Por esse motivo acredita-se na possibilidade da mudança, partindo do princípio de que os cidadãos, em parceria, promoverão enfrentamentos contra a perpetuação da educação, da cultura, da ética e de tudo mais que o incomoda e que ainda vigora.

Por este prisma, pode-se acreditar que as situações ocorridas entre opressor e oprimido, a política econômica e a ordem social que evidenciam-se hoje, poderão ser modificadas (um dia a pedra não rolará mais do alto da montanha!).

Uma prova dessa impermanência evidencia-se na transformação dos meios de comunicação. Muniz afirma que “chegando ao século XXI, percebe-se que mudou muito o modo como recebemos as notícias”. Segundo ele, “mais e mais pessoas têm buscado informações através da televisão e da internet, enquanto a circulação de jornais escritos vêm diminuindo. Com a mídia ficando cada vez mais imaterial”, continua ele, “as pessoas se tornam mais vulneráveis aos seus efeitos, perdendo a capacidade de filtrar e olhar criticamente para o que vêem. O cérebro não colhe idéias no canteiro do ócio. É sobretudo pela interação com o material, pelo trabalho, pelo esforço e, em última instância, pelo fracasso, que nós nutrimos o nosso banco de idéias”.

“Atlas”: Cidadania

A série Retratos do Lixo (2008) figura entre as mais célebres do artista.

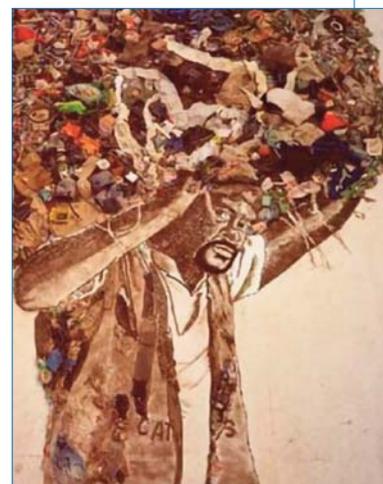


Figura 8 – “Atlas (Carlão)” (2008), feito de lixo
Fonte: <http://www.vorkurs.com.br>

Ela reúne retratos dos catadores de resíduos recicláveis que atuam no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, bairro de Duque de Caxias (RJ). O aterro situa-se às margens da Baía da Guanabara, para onde pode verter a qualquer momento. Ocupa atualmente uma área de aproximadamente 1,3 milhões de metros quadrados.

O lixão funciona há 30 anos, possui população de cerca de 20 mil habitantes, 4 mil catadores e grandes bolsões de miséria. Os catadores convivem com as particularidades do local, como o cheiro insuportável, o forte calor nos dias de sol, o lamaçal nos dias de chuva, o trânsito de caminhões transportadores de lixo que espalham resíduos, poeira e produzem constante barulho e as imagens chocantes de toneladas de lixo.

Nessa série, Vik afirma ter representado lados da vida que imaginava que não existissem mais: o lado da injustiça social, da exclusão, da miséria e do descaso com o meio ambiente. O sucesso destas obras oculta uma inacreditável história pessoal, que vai de encontro à sua missão de transformar o lixo em arte.

Depois de pronta, essa arte segue para prestigiadas casas de leilões internacionais. Obras que, muitas vezes, retornam ao Rio para compor as paredes da alta sociedade carioca. Pelas mãos de Muniz, a relação entre lixo e arte, une segmentos tão diferentes da sociedade ressaltando suas contradições.

Carlão (Figura 8), cidadão brasileiro e catador de lixo do Jardim Gramacho, foi registrado em uma de suas obras como “Atlas”, personagem da mitologia grega que segurava o mundo nas costas. Seu único consolo, até o fim de seus dias, era ver suas filhas brilhando como constelações no céu, o que aliviava sua dor e lhe diminuía o pesar por se ver obrigado a cumprir tal pena.

Mais uma vez, Vik consegue estabelecer uma relação entre os elementos mitológicos e aqueles do cotidiano. Evidencia-se que alguns fatos não são meramente narrativas relacionadas aos mitos. Pela desigualdade social constatada, os significados das obras perpassam a vida de mais da metade dos povos do planeta.

Pode-se, por analogia, crer que tanto os catadores de lixo quanto outros sujeitos socialmente marginalizados, “carregam o mundo nas costas” e buscam finalidade ou “consolo” para suas vidas em fatos ora distantes e frequentemente, exógenos à sua existência.

Sabe-se que a vida social é muito conflitante. Uma das bases mais gerais e mais permanentes dos conflitos é o fato de que os seres humanos são, ao mesmo tempo, iguais e diferentes uns dos outros. Muitas vezes as diferenças biológicas também são utilizadas por alguns, para atribuir ou negar valor aos cidadãos produzindo-se assim diferenças no contexto social.

Manifestam-se nessas circunstâncias os preconceitos, a intolerância e a indiferença em relação às singularidades. Estes fatores, aliados ao pouco desenvolvimento dos direitos no Brasil, fazem com que, alguns cidadãos obtenham, injustamente, menos direitos à plena cidadania, que outros.

A produção social da diferença está associada também às relações de força que as transformam em hierarquias. Em regimes não-democráticos essas hierarquias são mantidas pelo uso da força, e as diferenças são fortemente oprimidas. Não há igualdade, há homogeneização pelo silêncio e lógico, pela força. Já em regimes democráticos, há um esforço de “pacificação” para reduzir as manifestações abertas de força. Assim a regulação das lutas sociais abre espaço para a aceitação de reivindicações dos sujeitos socialmente inferiorizados. Regimes democráticos não garantem de antemão a igualdade entre os cidadãos, mas geram a possibilidade de que ela venha a ser atingida, aos poucos.

Outra característica de regimes democráticos é que, contraditoriamente, o mesmo processo gerador do conflito social, e do crescimento gera, ao mesmo tempo, as hierarquias de poder que permane-

cem e tornam-se legitimadas (Cf. Silva, 2003).

Conforme já afirmado, apesar da política social brasileira encontrar tamanho acolhimento na Constituição de 1988, poucos direitos ali expressos estão sendo praticados ou ao menos regulamentados, quando assim exigem. Os ataques aos direitos sociais, em nome de algo que se pode intitular de “neoliberalismo tardio” ou em nome da “modernização”, alimentam-se no campo da política social, de forma geral, de falsas polêmicas (Cf. VIEIRA, 2001).

Refletindo sobre a violência, percebe-se que ela tem se tornado um dos principais fatores de demonstração das insuficiências do Estado de Direito no momento atual. Pelo Estado de Direito nenhum indivíduo está acima da lei. Os governos democráticos exercem a autoridade por meio dela e estão eles próprios, sujeitos aos constrangimentos por ela impostos.

Nesse sentido, a violência se “produz” e “reproduz” de modo circular, evidenciando que, se suas causas não são elaboradas e conscientizadas, perpetua-se de modo pernicioso na dinâmica de organização da vida social. Reitera-se o valor a atividade da contemplação (*theoria*) e da ação (*praxis*) dotadas de finalidades específicas para a transformação da realidade.

O compromisso moral em sociedade possui duas vertentes. A primeira é caracterizada pelo compromisso da manutenção de uma interação fundada em mecanismos de evitação da degradação das interações. O segundo, pelo compromisso de promoção de formas de encaminhamento de conflitos que sejam capazes de traduzir a sensação fundamental de que o pacto do convívio social não se rompe. Mesmo sob a constante ameaça de atos de injustiça e violência.

No entanto, a retomada em escala progressiva da violência tem feito com que se coloque em dúvida o fato de que se vive efetivamente em civilização. Nesta perspectiva, entende-se que o espaço do discurso, que vem sendo suprimido, é o espaço do gozo intersubjetivo, da comunhão, da explosão de vida em conjunto. A negação deste espaço é a afirmação dos princípios de guerra e morte.

Para Bobbio (2006, p.191), o diálogo, é mais que uma vocação, é uma necessidade. A primeira condição para que ele seja possível é o respeito recíproco, que pressupõe o dever de compreender lealmente aquilo que o outro diz. E mesmo que não se esteja de acordo procura-se contestá-lo sem animosidades, expondo argumentos prós e contras. Se o diálogo se interrompe por não conduzir a um acordo, não há nada de mal. Pode-se retornar a ele em um outro momento.

Celebridades: Real e Realidade

Na série Revistas (2005) Vik faz uma reflexão sobre a dificuldade de estabelecer um diálogo entre a imagem da pessoa real com a da celebridade. Milhares de pedaços de revista são, oportunamente, utilizados para montar uma pessoa através da sua imagem (Figura 9).

Muniz elabora intrincados retratos compostos com papel picado sobre fotografias de personalidades, celebridades e rostos anônimos. Seu objetivo é lidar com a percepção, a memória e provocar a ilusão em relação a imagens que são, em primeira instância, amontoados de papel picado, mas que se transformam perante o recuo do olhar em rostos conhecidos ou de pessoas do cotidiano.

⁴Aparelho de óptica, onde a cada movimento, alguns cristais e contas de vidro de cores, por meio de um sistema de espelhos refletores, tomam a aparência de figuras simétricas multicores e variáveis.



Figura 9 - Seu Jorge, feito com bolinhas de papel de revista

Fonte: <http://www.leituraprivada.files.wordpress.com>

Muniz afirma que “todo mundo é de uma forma ou de outra, produto da mídia. Mesmo quando alguém simplesmente fala de você para outra pessoa, porque a fala é um meio de comunicação. O que chega às pessoas é uma imagem fragmentada, pedacinhos de informação que vão formando esse *composé* que é a idéia que se faz de uma pessoa. Mas que nunca chega a ser a pessoa de verdade”.

Na instalação *Princípios* (1997) Vik apresenta formações de micróbios em um caleidoscópio⁴, formações essas que são imaginadas por cientistas. Quando o observador gira a maçaneta e muda o foco do aparelho, muda-se também, a forma e a definição das imagens. Percebe-se claramente que o objetivo de Muniz é mostrar que nossos sentidos nos enganam, é possível ver aquilo que não existe. O artista ressalta que é preciso “duvidar daquilo que ninguém sabe se vai poder saber”.

Acredita-se que, em grande medida, esse jeito irreverente e contestador de Vik Muniz deve-se ao fato de ele mesmo anunciar “sou artista por coincidência, nasci professor”. Assim fica a imagem de que tanto quanto produzir arte, ele deseja ensinar (e aprender) com as pessoas que visitam suas exposições.

Reflexão, Criatividade e Liberdade

Depoimentos colhidos com pessoas que visitaram a exposição de Muniz mostram claramente que ele consegue expressar mais do que sua arte. Cibele Nardi, estudiosa das relações humanas, afirma que “o resultado de suas experiências com diversos materiais é surpreendente e os textos explicativos de cada processo criativo são ainda mais reveladores. Revelam um artista que reinterpreta, transforma, recria e cria a partir do mundo. Tudo está a sua disposição. Tudo com uma intenção”. Esta intenção aparece quando o espectador consegue atribuir à obra seu real significado.

Carlos Roberto Jamil Cury, especialista em políticas públicas para a educação, concebeu “a exposição [como] uma síntese entre a arte e o social. Não se abdica do estético e nem se dissimula a contradição do social. Ela é uma exposição imperdível e chocante”. Percebe-se em suas palavras que Muniz conseguiu fazer da arte um instrumento de denúncia do caótico

⁵ Informação disponível em: <http://www.masp.art.br/exposicoes/2009/vik/>

contexto social brasileiro.

“Vik se tornou um fenômeno de comunicação”, impressiona-se Leonel Kaz⁵, responsável pela vinda da exposição ao Brasil. “Raramente um artista contemporâneo provocou neste país uma mobilização desse porte, aproximando o grande público da grande arte. Isso se deve, por um lado, à mágica da obra de Vik, por outro, a uma montagem compreensível que permitiu a cada visitante exercer a sua própria liberdade do olhar. Percebe-se com essa atitude do artista, o respeito que tem por cada cidadão, no que diz respeito aos modos de enxergar a realidade que o rodeia.

Por esses depoimentos nota-se a importância que se atribui à reflexão feita pelo sujeito, à criatividade para fazer denúncias e à liberdade de expressão. Esses três imperativos do ser humano permitem a Vik Muniz criar obras inusitadas.

Eles denotam que o artista consegue, a partir de sua obra, mesmo que, *à sombra de uma denúncia*, indignar o cidadão e despertá-lo para os acontecimentos a sua volta. Assim é possível perceber o quanto se tem desrespeitado os direitos civis e humanos dos cidadãos, no contexto social brasileiro.

Sem “dar as costas”

Conclui-se que apesar da crença de que as pessoas são capazes de fazer escolhas racionais, percebe-se a dificuldade do indivíduo rumo a sua emancipação frente à ignorância. Por mais que muitos se sintam oprimidos, tem persistido a fraqueza dos sujeitos frente à necessária transformação do/no mundo.

Nesse sentido, os cidadãos precisam aprender a não “dar as costas” para os problemas sociais, eliminar a prática da dominação e a viver a liberdade, o respeito, a criatividade (Figura 10) e a ética. Somente assim será possível dar a todos os cidadãos brasileiros a igualdade de direitos, garantindo sua cidadania e superando as desigualdades existentes.

Sabe-se que a educação não pode ser considerada uma alavanca da transformação social. Ela pode dubiamente contribuir, por um lado, para disfarçar as relações de poder, legitimando-as ideologicamente, e por outro, pode também contribuir para a formação da consciência das contradições no plano da realidade objetiva.

Desse modo, dois grandes desafios são postos para o Brasil do século XXI. O primeiro é garantir a igualdade de direitos e o segundo, o acesso, a permanência e a qualidade na educação, ambos para todos. Nota-se assim, que ainda falta muito para que o país evolua em termos de cidadania.



Figura 10 – “Auto-retrato de costas”, feito com bolinhas de papel de revista

Fonte: http://www.ruafaro.blogspot.com/2009_02_01_archive.html

REFERÊNCIAS

- BITTAR, E. C. B. Violência e realidade brasileira: civilização ou barbárie? **Rev. Katál.** Florianópolis v. 11 n. 2 p. 214-224 jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/8852/8189>>. Acesso em: 21 nov. 2009.
- BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. In: _____. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____; POLITO, Petro. O ofício de viver, o ofício de ensinar, o ofício de escrever. **Estudos Avançados**. 2006, vol. 20, n.58, p. 189-209. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000300019&script=sci_arttext>. Acesso em 18 out. 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. **A cidadania no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciência e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-9092002000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 nov. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, ago. 2001.
- Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 dez. 2009.
- MARSHALL, Thomas H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SEVERINO, Antônio J.. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo Perspectiva**. 2000, vol.14, n.2, p. 65-71. Disponível em: <[www.scielo. br/pdf/spp/v14n2/9790.pdf](http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9790.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2009.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da. Cidadania, democracia e justiça social. In: ENCONTRO NACIONAL DO FÓRUM NACIONAL DE REFORMA URBANA, 2003, Rio de Janeiro. **Rio a democracia vista de baixo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, 2003. p. 25-32.
- SOUZA, Vanessa Karla Mota de. Individualismo e cultura. CAOS - **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Número 9, set. de 2005, p. 61-73. Disponível em: <[www.cchla. ufpb.br/caos/vanessakarla.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/vanessakarla.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2009.
- Vaz, Henrique C. Lima. Antropologia Filosófica I. Edições Loyola, 2001.
- VIEIRA, EVALDO. A política e as bases do direito educacional. **Cadernos CEDES**, Campinas, vol.21, n.55,p.9-29,nov.2001.